

KEN
FOLLETT

★★ SEGUNDO LIVRO DA TRILOGIA O SÉCULO ★★

INVERNO
DO
MUNDO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

À MEMÓRIA DE MEUS AVÓS,
TOM E MINNIE FOLLETT,
ARTHUR E BESSIE EVANS

LISTA DE PERSONAGENS

NORTE-AMERICANOS

Família Dewar

Senador Gus Dewar

Rosa Dewar, sua esposa

Woody Dewar, filho mais velho do casal

Chuck Dewar, filho mais novo do casal

Ursula Dewar, mãe de Gus

Família Peshkov

Lev Peshkov

Olga Peshkov, sua esposa

Daisy Peshkov, filha do casal

Marga, amante de Lev

Greg Peshkov, filho de Lev e Marga

Gladys Angelus, estrela de cinema, também amante de Lev

Família Rouzrokh

Dave Rouzrokh

Joanne Rouzrokh, sua filha

Membros da alta sociedade de Buffalo

Dot Renshaw

Charlie Farquharson

Outros

Joe Brekhunov, capanga

Brian Hall, sindicalista

Jacky Jakes, aspirante a estrela de cinema

Eddie Parry, marinheiro, amigo de Chuck

Capitão Vandermeier, superior de Chuck

Margaret Cowdry, linda herdeira

Personagens históricos

F. D. Roosevelt, presidente

Marguerite LeHand, conhecida como Missy, sua secretária

Harry Truman, vice-presidente
Cordell Hull, secretário de Estado
Sumner Welles, subsecretário de Estado
General Leslie Groves, do Corpo de Engenheiros do Exército

INGLESES

Família Fitzherbert

Conde Fitzherbert, conhecido como Fitz
Princesa Bea, sua esposa
“Boy” Fitzherbert, visconde de Aberowen, filho mais velho do casal
Andy, filho mais novo do casal

Família Leckwith-Williams

Ethel Leckwith (nascida Williams), membro do Parlamento por Aldgate
Bernie Leckwith, marido de Ethel
Lloyd Williams, filho de Ethel, enteado de Bernie
Millie Leckwith, filha de Ethel e Bernie

Outros

Ruby Carter, amiga de Lloyd
Bing Westhampton, amigo de Fitz
Lindy e Lizzie Westhampton, filhas gêmeas de Bing
Jimmy Murray, filho do general Murray
May Murray, sua irmã
Marquês de Lowther, conhecido como Lowthie
Naomi Avery, melhor amiga de Millie
Abe Avery, irmão de Naomi

Personagens históricos

Ernest Bevin, membro do Parlamento, ministro das Relações Exteriores

ALEMÃES & AUSTRIACOS

Família Von Ulrich

Walter von Ulrich
Maud, sua esposa (nascida Lady Maud Fitzherbert)

Erik, filho do casal
Carla, filha do casal
Ada Hempel, criada da família
Kurt, filho ilegítimo de Ada
Robert von Ulrich, primo distante de Walter
Jörg Schleicher, companheiro de Robert
Rebecca Rosen, órfã

Família Franck

Ludwig Franck
Monika, sua esposa (nascida Monika von der Helbard)
Werner, filho mais velho do casal
Frieda, filha do casal
Axel, filho mais novo do casal
Ritter, chofer
Conde Konrad von der Helbard, pai de Monika

Família Rothmann

Dr. Isaac Rothmann
Hannelore Rothmann, sua esposa
Eva, filha do casal
Rudi, filho do casal

Família Von Kessel

Gottfried von Kessel
Heinrich von Kessel, seu filho

Gestapo

Agente Thomas Macke
Inspector Kringelein, chefe de Macke
Reinhold Wagner
Klaus Richter
Günther Schneider

Outros

Hermann Braun, melhor amigo de Erik
Sargento Schwab, ex-jardineiro
Wilhelm Frunze, cientista

RUSSOS

Família Peshkov

Grigori Peshkov

Katerina, sua esposa

Vladimir, sempre chamado de Volodya, filho do casal

Anya, filha do casal

Outros

Zoya Vorotsyntsev, física

Ilya Dvorkin, agente da polícia secreta

Major Lemitov, chefe de Volodya

Coronel Bobrov, oficial do Exército Vermelho na Espanha

Personagens históricos

Lavrentiy Beria, chefe da polícia secreta

Viatcheslav Molotov, ministro das Relações Exteriores

ESPAANHÓIS

Teresa, professora de alfabetização

GALESES

Família Williams

Dai Williams, ou Granda

Cara Williams, ou Grandmam

Billy Williams, membro do Parlamento por Aberowen

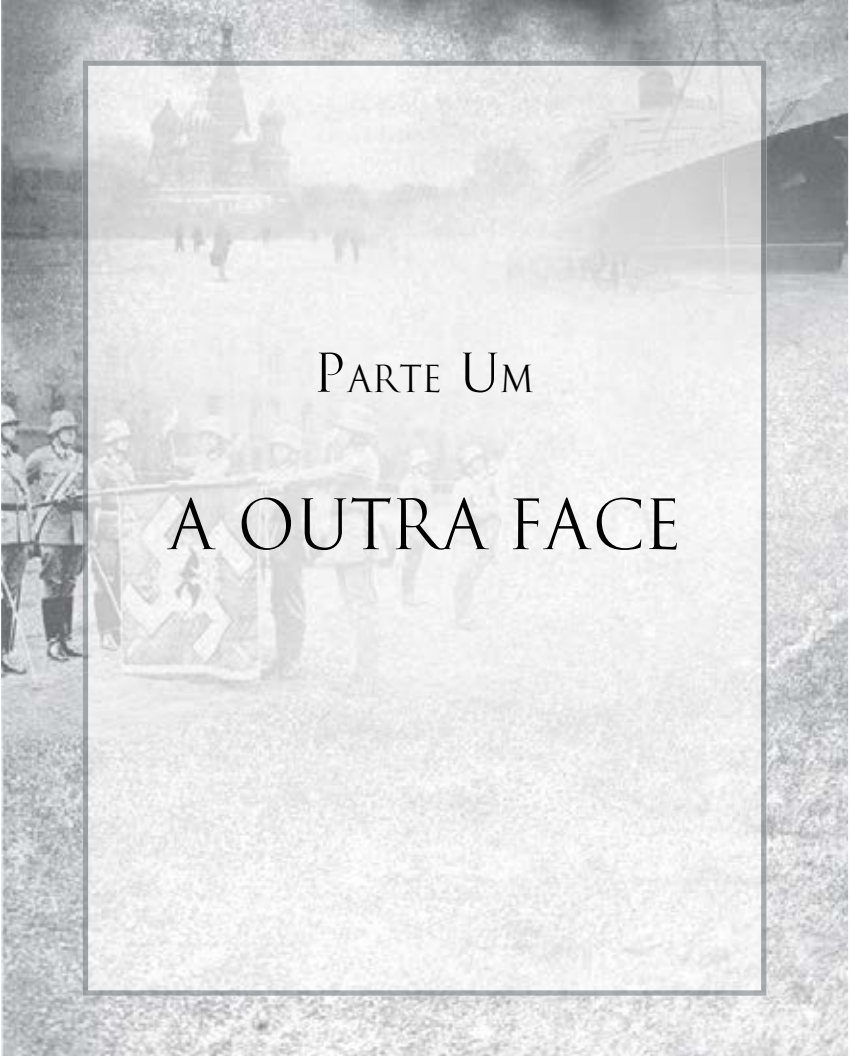
Dave, filho mais velho de Billy

Keir, filho mais novo de Billy

Família Griffiths

Tommy Griffiths, articulador político de Billy Williams

Lenny Griffiths, filho de Tommy



PARTE UM

A OUTRA FACE

CAPÍTULO UM

1933

Carla sabia que os pais estavam prestes a brigar. Assim que entrou na cozinha, pôde sentir a hostilidade no ar, como o vento frio que varre as ruas de Berlim antes de uma nevasca de fevereiro – penetrante, de gelar os ossos. Quase deu meia-volta e tornou a sair.

Eles não brigavam com frequência. Na maior parte do tempo, eram afetuosos um com o outro – às vezes até demais. Carla ficava com vergonha sempre que os dois se beijavam em público. Seus amigos achavam aquilo estranho: os pais deles não se comportavam daquele jeito. Certa vez Carla dissera isso à mãe. A mulher rira com satisfação e respondera: “No dia seguinte ao nosso casamento, seu pai e eu fomos separados pela Grande Guerra.” A mãe era inglesa, embora isso quase não transparecesse em seu sotaque. “Eu fiquei em Londres. Ele veio para a Alemanha e entrou para o Exército.” Carla já tinha ouvido essa história muitas vezes, mas sua mãe nunca se cansava de contá-la. “Achamos que a guerra iria durar três meses, mas passaram-se cinco anos até que eu tornasse a ver seu pai. Passei todo esse tempo ansiando tocá-lo. Agora nunca me canso de fazer isso.”

Com o pai as coisas não eram muito melhores. “Sua mãe é a mulher mais inteligente que eu já conheci na vida”, tinha dito ele bem ali na cozinha, poucos dias antes. “Foi por isso que me casei com ela. Não teve nada a ver com...” A frase ficara pela metade, e ele e a mãe começaram a rir feito conspiradores, como se Carla, aos 11 anos, não soubesse nada sobre sexo. Que constrangedor!

Mas de vez em quando eles discutiam. Carla conhecia os sinais. E uma nova briga ia estourar.

O casal estava sentado em lados opostos da mesa da cozinha. O pai usava uma roupa sóbria: terno cinza-escuro, camisa branca engomada, gravata preta de cetim. Estava elegante, como sempre, apesar das entradas no cabelo e do colete um pouco apertado sob a corrente de ouro do relógio de bolso. Tinha o rosto congelado numa expressão de calma que não era verdadeira. Carla conhecia aquela expressão. O pai a adotava sempre que alguém da família fazia algo que o deixava zangado.

Ele estava segurando um exemplar da revista semanal para a qual a mãe tra-

balhava, chamada *O Democrata*. Ela escrevia uma coluna de fofocas políticas e diplomáticas sob o pseudônimo de Lady Maud. O pai começou a ler em voz alta:

– Nosso novo chanceler, Herr Adolf Hitler, fez seu *début* na sociedade diplomática durante a recepção do presidente Hindenburg.

Carla sabia que o presidente era o chefe de Estado. Apesar de eleito, ficava acima das disputas mesquinhas do dia a dia político, agindo como um árbitro. O premier era o chanceler. Embora Hitler tivesse sido nomeado para o cargo, o Partido Nazista, ao qual era filiado, não tinha a maioria absoluta no Reichstag, o parlamento alemão. Assim, por ora os outros partidos ainda conseguiam restringir os excessos nazistas.

O pai falava com desagrado, como se estivesse sendo forçado a se referir a algo repulsivo, como esgoto.

– Parecia pouco à vontade de casaca.

A mãe tomou um gole de café e olhou pela janela para a rua lá fora, como se tivesse interesse nas pessoas que seguiam apressadas para o trabalho de luvas e cachecol. Ela também fingia calma, mas Carla sabia que estava só esperando a hora de se manifestar.

Ada, a criada da família, fatiava um queijo diante da bancada. Pôs um prato na frente do pai de Carla, mas ele ignorou a comida.

– Herr Hitler ficou visivelmente encantado com a esposa do embaixador italiano, a culta Elisabeth Cerruti, que usava um vestido de veludo rosa-claro debruado de zibelina.

A mãe sempre escrevia sobre o que as pessoas usavam. Dizia que isso ajudava os leitores a visualizá-las. Ela própria tinha roupas finas, mas os tempos andavam difíceis e fazia muitos anos que não comprava nenhuma peça nova. Nessa manhã, estava esguia e elegante num vestido de caxemira azul-marinho que devia ter a mesma idade de Carla.

– A *Signora* Cerruti, judia, é também uma fascista fervorosa, e os dois passaram vários minutos conversando. Será que ela implorou a Hitler que pare de fomentar o ódio aos judeus?

O pai largou a revista sobre a mesa, fazendo barulho.

Lá vem, pensou a menina.

– Você sabe que isso vai deixar os nazistas furiosos – disse ele.

– Espero que deixe mesmo – respondeu a mãe, calma. – No dia em que eles gostarem do que escrevo, largo o jornalismo.

– Eles se tornam perigosos quando são provocados.

Os olhos da mãe cintilaram de raiva.

– Walter, não se atreva a me tratar como criança. Eu sei que eles são perigosos... e é justamente por isso que me oponho a eles.

– É que não vejo sentido em enfurecê-los, só isso.

– Você os ataca no Reichstag.

O pai era deputado eleito pelo Partido Social-Democrata.

– Eu participo de um debate racional.

Típico, pensou Carla. O pai era um homem lógico, cauteloso, respeitador das leis. A mãe tinha estilo e bom humor. Ele conseguia o que queria graças a uma persistência silenciosa; ela, graças ao charme e ao atrevimento. Os dois nunca iriam concordar.

– Eu não deixo os nazistas loucos de raiva – acrescentou o pai.

– Vai ver é por isso que não os atinge muito.

A sagacidade da resposta deixou o pai irritado e o fez levantar a voz:

– E você acha que os atinge com piadas?

– Eu zombo deles.

– A zombaria é como você substitui a discussão?

– Acho que as duas coisas são necessárias.

Seu pai ficou ainda mais bravo.

– Mas, Maud, será que você não percebe que está pondo a si mesma e a sua família em risco?

– Muito pelo contrário. O verdadeiro perigo é *não* zombar dos nazistas. Que vida nossos filhos teriam se a Alemanha virasse um Estado fascista?

Esse tipo de conversa deixava Carla incomodada. Ela não suportava ouvir que a família estava correndo perigo. A vida precisava prosseguir como sempre havia sido. Queria poder se sentar naquela cozinha por uma infinidade de manhãs, com os pais em lados opostos da mesa de pinho, Ada junto à pia, e seu irmão, Erik, fazendo barulho no andar de cima, atrasado mais uma vez. Por que alguma coisa tinha que mudar?

Durante toda a sua vida Carla escutara conversas sobre política durante o café da manhã e achava que entendia o que os pais faziam e como planejavam transformar a Alemanha num lugar melhor para todos. Ultimamente, porém, os dois haviam começado a falar de um jeito diferente. Pareciam crer que um perigo terrível os ameaçava, mas Carla não conseguia imaginar que perigo era esse.

– Só Deus sabe como estou fazendo tudo o que posso para conter Hitler e sua laia – falou o pai.

– Eu também estou. Só que, quando você faz isso, acha que está agindo de for-

ma sensata. – A expressão da mãe ficou mais dura, ressentida. – E, quando sou eu, você me acusa de pôr a família em risco.

– E com razão – rebateu o pai.

A discussão estava só começando, mas nesse momento Erik desceu as escadas fazendo o mesmo estardalhaço de um cavalo e irrompeu na cozinha com a bolsa da escola pendurada no ombro. Tinha 13 anos, dois a mais que Carla. Pelos pretos horrorosos brotavam acima de seu lábio. Quando eram pequenos, Carla e Erik brincavam juntos o tempo todo, mas isso agora era parte do passado e desde que ele ficara alto daquele jeito fingia pensar que a irmã era tola e infantil. Na verdade, ela era mais esperta do que ele e sabia muitas coisas sobre as quais ele não entendia nada, como, por exemplo, os ciclos mensais femininos.

– Qual era aquela última música que você estava tocando? – perguntou ele à mãe.

Muitas vezes o piano os acordava de manhã. Era um Steinway de cauda – herdado dos avós paternos junto com a casa. A mãe costumava tocar a essa hora, porque, segundo ela, passava o restante do dia ocupada demais e, à noite, estava um caco. Nessa manhã, havia tocado uma sonata de Mozart e depois um jazz.

– Chama-se “Tiger Rag” – respondeu ela a Erik. – Quer um pouco de queijo?

– O jazz é uma música decadente – comentou o filho.

– Não seja bobo.

Ada serviu a Erik um prato de queijo e salsichão fatiado. Ele começou a comer em grandes bocados. Carla achava que o irmão não tinha modos.

Seu pai assumiu um ar severo.

– Erik, quem tem lhe ensinado essas bobagens?

– Hermann Braun diz que jazz não é música, só crioulos fazendo barulho.

Hermann era o melhor amigo de Erik e seu pai era do Partido Nazista.

– Hermann deveria tentar tocar jazz – sugeriu o pai. Em seguida olhou para a mãe e a expressão em seu rosto se suavizou. – Sua mãe tentou me ensinar o ragtime há muitos anos, mas eu não consegui aprender o ritmo.

A mãe riu.

– Foi como tentar ensinar uma girafa a andar de patins.

Aliviada, Carla viu que a briga havia terminado. Começou a se sentir melhor. Pegou um pedaço de pão preto e molhou no leite.

Mas agora era Erik que queria brigar.

– Os crioulos são uma raça inferior – afirmou ele, desafiador.

– Duvido muito – retrucou o pai, paciente. – Se um negro fosse criado numa casa boa, cheia de livros e quadros, e estudasse numa escola cara, com bons professores, talvez se tornasse mais inteligente que você.

– Isso é ridículo! – protestou Erik.

A mãe interveio:

– Não chame seu pai de ridículo, seu moleque. – Seu tom foi brando, pois ela havia esgotado toda a raiva com o marido. Agora, só parecia decepcionada e cansada. – Você não sabe do que está falando. Nem você, nem Hermann Braun.

– Mas a raça ariana com certeza é superior... nós dominamos o mundo! – disse Erik.

– Os seus amigos nazistas não sabem nada de história – falou o pai. – Os antigos egípcios construíram as pirâmides quando os alemães ainda viviam em cavernas. Na Idade Média, os árabes dominavam o mundo... os muçulmanos já sabiam álgebra quando os príncipes alemães não conseguiam nem escrever o próprio nome. Isso não tem nada a ver com raça.

Carla franziu o cenho e perguntou:

– Então tem a ver com o quê?

O pai olhou para ela com ar afetuoso.

– Essa é uma ótima pergunta. Você se mostra uma menina muito inteligente por fazê-la. – O rosto da filha se acendeu com esse elogio. – As civilizações ascendem e caem... chineses, astecas, romanos... mas ninguém sabe muito bem o motivo.

– Comam, vocês dois. E vistam seus casacos – disse a mãe. – Está ficando tarde.

O pai puxou o relógio do bolso do colete e o consultou com as sobrancelhas arqueadas.

– Não está tarde.

– Tenho que levar Carla à casa dos Franck – esclareceu a mãe. – A escola das meninas está fechada hoje... para consertar o sistema de calefação, parece. Então Carla vai passar o dia com Frieda.

Frieda Franck era a melhor amiga de Carla. Suas mães também eram melhores amigas. Na verdade, quando eram jovens, Monika, mãe de Frieda, fora apaixonada pelo pai de Carla – um fato hilário que a avó de Frieda deixara escapar certo dia depois de ter exagerado no *espumante*.

– Por que Ada não pode ficar com Carla?

– Ada tem consulta marcada no médico.

– Ah.

Carla esperou o pai perguntar o que havia de errado com Ada, mas ele apenas assentiu, como se já soubesse, e guardou o relógio no bolso. Carla queria saber o que era, mas algo lhe disse que não deveria indagar. Pensou que não podia se esquecer de perguntar à mãe mais tarde. No instante seguinte, porém, já nem se lembrava mais do assunto.

O pai foi o primeiro a sair de casa, com um sobretudo preto por cima do terno. Em seguida Erik pôs a boina da escola, posicionando-a o mais para trás possível na cabeça sem que ela caísse – como era a moda entre seus amigos –, e seguiu o pai porta afora.

Carla e a mãe ajudaram Ada a tirar a mesa. A menina amava Ada quase tanto quanto a própria mãe. Quando ela era pequena, antes de ter idade para ir à escola, Ada cuidava dela em tempo integral, pois a mãe sempre trabalhara fora. A criada ainda era solteira. Tinha 29 anos e uma aparência meio sem graça, mas um sorriso bonito e bondoso. No verão anterior tivera um romance com um policial chamado Paul Huber, mas a história não havia durado.

Carla e a mãe postaram-se em frente ao espelho do hall para pôr os chapéus. A mãe se arrumou sem pressa. Escolheu um chapéu de feltro azul-escuro, de copa redonda e aba estreita, do tipo que todas as mulheres estavam usando. No entanto, inclinou-o sobre a cabeça num ângulo diferente, dando-lhe um aspecto chique. Enquanto vestia o gorro de tricô, Carla se perguntou se algum dia teria o talento de sua mãe para o estilo. Maud parecia uma deusa da guerra: pescoço comprido, queixo e malares que pareciam esculpido em mármore branco. Sem dúvida era uma mulher linda, mas não de uma beleza convencional. Carla tinha os mesmos cabelos escuros e olhos verdes da mãe, porém parecia mais uma boneca rechonchuda do que uma estátua. Certa vez, ouvira por acaso a avó dizer à mãe: “Seu patinho feio vai crescer e virar um cisne, você vai ver.” Carla ainda estava esperando isso acontecer.

Quando a mãe ficou pronta, as duas saíram. A casa, situada no bairro de Mitte, o antigo centro da cidade, fazia parte de um conjunto de imóveis residenciais altos e graciosos construídos para ministros e oficiais militares de alto escalão que trabalhavam nos prédios do governo ali perto, como o avô de Carla.

Ela e a mãe pegaram um bonde que seguiu pela Unter den Linden. Depois embarcaram no trem rápido da Friedrichstrasse até a estação Zoo. Os Franck moravam no subúrbio de Schöneberg, a sudoeste da cidade.

Carla estava torcendo para encontrar Werner, o irmão de Frieda, que tinha 14 anos. Gostava dele. Às vezes, Carla e Frieda se imaginavam casadas com o irmão uma da outra, vizinhas de porta e com filhos que eram melhores amigos. Para Frieda aquilo não passava de uma brincadeira, mas Carla, no fundo, levava a fantasia a sério. Werner era bonito, mais velho e nem um pouco bobo como Erik. Na casa de bonecas do quarto de Carla, a mãe e o pai que dormiam lado a lado na pequena cama de casal se chamavam Carla e Werner, mas ninguém sabia disso, nem mesmo Frieda.

Frieda tinha outro irmão, Axel, de 7 anos, que nascera com espinha bífida e exigia cuidados médicos constantes. Ele morava num hospital especial nos arredores de Berlim.

Durante o trajeto, a mãe de Carla se mostrou preocupada.

– Espero que fique tudo bem – murmurou ela, meio para si mesma, enquanto as duas desciam do vagão.

– É claro que vai ficar – retrucou Carla. – Vou me divertir muito com Frieda.

– Não é disso que estou falando. Eu me referia ao que escrevi sobre Hitler.

– Nós estamos correndo perigo? Papai tinha razão?

– Sei pai quase sempre tem razão.

– O que vai acontecer conosco se tivermos chateado os nazistas?

A mãe passou vários instantes olhando para a filha com uma expressão estranha, e então disse:

– Meu Deus, que mundo é este em que eu fui pôr você? – Depois não falou mais nada.

As duas caminharam por dez minutos e chegaram a um casarão imponente situado num grande jardim. Os Franck eram uma família rica: Ludwig, pai de Frieda, tinha uma fábrica de rádios. Dois carros estavam parados em frente à casa. O maior deles, preto e lustroso, pertencia a Herr Franck. O motor estava ligado e uma nuvem de fumaça azulada saía do cano de descarga. Ritter, o motorista, estava de pé, pronto para abrir a porta. Usava a calça do uniforme enfiada para dentro das botas de cano longo e segurava seu quepe. Inclinando o corpo para a frente, ele falou:

– Bom dia, Frau Von Ulrich.

O segundo carro era pequeno, de apenas dois lugares, e verde. Um homem baixo de barba grisalha saiu da casa com uma pasta de couro na mão e tocou no chapéu para cumprimentar a mãe de Carla enquanto entrava no carro menor.

– O que será que o Dr. Rothmann está fazendo aqui tão cedo? – perguntou a mãe, preocupada.

As duas não demoraram a descobrir. Monika, mãe de Frieda, uma mulher alta com uma basta cabeleira ruiva, apareceu na porta da casa. Seu rosto pálido tinha uma expressão aflita. Em vez de convidar Carla e sua mãe a entrar, ficou parada na soleira da porta como se quisesse impedir que passassem.

– Frieda está com catapora! – exclamou.

– Ah, eu sinto muito! – disse a mãe de Carla. – Como ela está?

– Péssima, com febre e tosse. O Dr. Rothmann disse que ela vai ficar boa, mas está de quarentena.

– Claro. Você já teve catapora?

– Já... quando era pequena.

– E Werner também... eu me lembro que ele ficou todo empolado. Mas e o seu marido?

– Ludi também teve quando era criança.

As duas mulheres olharam para Carla. Ela nunca tivera catapora. A menina logo entendeu que isso significava que não poderia passar o dia com Frieda.

Carla ficou decepcionada, mas sua mãe ficou bastante abalada.

– A edição desta semana é sobre as eleições... eu *não posso* faltar ao trabalho.

– Ela parecia desorientada. Todos os adultos estavam apreensivos com a eleição geral que aconteceria no domingo seguinte. Tanto a mãe quanto o pai de Carla temiam que os nazistas se saíssem bem o suficiente para assumir o controle total do governo. – Além disso, minha grande amiga veio de Londres me visitar. Será que consigo convencer Walter a tirar um dia de folga para ficar com Carla?

– Por que não telefona para ele? – sugeriu Monika.

Poucas eram as famílias com telefone em casa, mas os Franck tinham, e Carla e a mãe entraram no hall. O aparelho ficava em cima de uma mesinha de pernas finas junto à porta. A mãe pegou-o e disse para a telefonista o número do escritório do pai no Reichstag, sede do parlamento alemão. Quando a ligação foi completada, ela explicou a situação ao marido. Passou um minuto ouvindo, então fez uma cara zangada.

– Minha revista vai incentivar 100 mil leitores a fazerem campanha para o Partido Social-Democrata – disse ela. – Você tem mesmo algum compromisso mais importante do que esse para hoje?

Carla podia prever como aquela discussão iria terminar. Sabia que o pai a amava muito, mas em seus 11 anos de vida ele nunca tinha cuidado dela um dia inteiro. Os pais de todas as suas amigas também eram assim. Homem nenhum fazia esse tipo de coisa. Mas a mãe de Carla às vezes fingia desconhecer as regras segundo as quais as mulheres viviam.

– Nesse caso, vou ter que levá-la comigo para o escritório – disse a mãe ao telefone. – Não quero nem pensar no que Jochmann vai dizer. – Herr Jochmann era o chefe dela. – Mesmo nos dias bons, ele não é lá muito feminista. – Ela pôs o fone no gancho sem se despedir.

Carla odiava quando os pais brigavam e aquela era a segunda vez no mesmo dia. As brigas faziam seu mundo parecer instável. Tinha muito mais medo delas do que dos nazistas.

– Então vamos – disse-lhe a mãe, e Carla se dirigiu para a porta.

Não vou nem ver Werner, pensou a menina, desanimada.

Nesse momento o pai de Frieda apareceu no hall. Era um homem enérgico e animado, de rosto corado e bigodinho preto. Com simpatia, cumprimentou a mãe de Carla, que conversou educadamente com ele enquanto Monika o ajudava a vestir um sobretudo preto com gola de pele.

Ele foi até o pé da escada.

– Werner! – gritou. – Vou embora sem você! – Ele ajeitou um chapéu de feltro cinza na cabeça e saiu.

– Estou pronto, estou pronto!

Werner desceu a escada correndo, com a mesma graça de um bailarino. Era tão alto quanto o pai, só que mais bonito, e usava os cabelos ruivo-claros um pouco mais compridos do que o normal. Trazia debaixo do braço uma bolsa de couro que parecia estar cheia de livros e, na outra mão, segurava um par de patins de gelo e um taco de hóquei. Apesar da pressa, deteve-se para falar com elas, muito educado.

– Bom dia, Frau Von Ulrich. – Então acrescentou em tom mais informal: – Oi, Carla. Minha irmã está com catapora.

A menina sentiu o rosto corar, sem motivo algum.

– Eu sei – respondeu. Tentou pensar em alguma coisa simpática e divertida para dizer, mas nada lhe ocorreu. – Nunca tive catapora, então não poderei ficar com ela.

– Eu tive quando era criança – disse ele, como se isso tivesse sido antes muito tempo. – Preciso correr – acrescentou, em tom de quem pede desculpas.

Carla não queria perdê-lo de vista assim tão depressa. Seguiu-o até o lado de fora. Ritter segurava a porta traseira do carro aberta.

– Que carro é esse? – perguntou Carla. Meninos sempre sabiam a marca dos carros.

– Uma limusine W10 da Mercedes-Benz.

– Parece bem confortável. – Viu de relance a expressão da mãe, meio surpresa, meio achando graça.

– Querem uma carona? – perguntou Werner.

– Seria maravilhoso.

– Vou pedir ao meu pai. – Werner pôs a cabeça dentro do carro e disse alguma coisa.

Carla ouviu Herr Franck responder:

– Está bem, mas andem logo!

Virou-se para a mãe, animada:

– Podemos ir no carro!

A mãe hesitou, mas só por um momento. Não gostava do posicionamento político de Herr Franck – ele dava dinheiro aos nazistas –, mas não iria recusar uma carona num carro quentinho naquela manhã fria.

– Quanta gentileza, Ludwig – falou a mãe.

Elas entraram. Havia lugar para quatro pessoas no banco de trás. Ritter saiu com o carro sem dar nenhum solavanco.

– Imagino que esteja indo para a Kochstrasse? – perguntou Herr Franck.

Muitos jornais e editoras tinham escritórios nessa rua, no bairro de Kreuzberg.

– Por favor, não se desvie do seu caminho. A Leipziger Strasse já está bom.

– Eu a levaria até a porta com prazer... mas imagino que você não queira que seus colegas de esquerda a vejam sair do carro de um plutocrata gordo. – Seu tom ficava entre o bom humor e a hostilidade.

A mãe de Carla lançou um sorriso encantador para ele.

– Ora, Ludi, você não é gordo... só um pouco cheinho. – Ela deu alguns tapinhas na frente do sobretudo dele.

Herr Franck riu.

– Tudo bem, eu mereci.

A tensão se dissipou. Herr Franck pegou o fone interno e deu instruções a Ritter.

Carla estava empolgada por andar de carro com Werner. Queria tirar todo o proveito possível da situação e conversar com ele, mas no início não conseguiu pensar em nenhum assunto. Na verdade, queria dizer: “Quando você for mais velho, acha que poderia se casar com uma moça de cabelos escuros e olhos verdes, inteligente e uns três anos mais nova que você?” Acabou apontando para os patins e perguntando:

– Você tem jogo hoje?

– Não, só um treino depois da escola.

– Em que posição você joga? – Ela não entendia nada de hóquei no gelo, mas os jogos de equipe sempre tinham posições.

– Ala direita.

– Não é um esporte meio perigoso?

– Não se você for rápido.

– Você deve patinar muito bem.

– Eu me viro – disse ele, modesto.

Mais uma vez, Carla surpreendeu a mãe a observando com um sorrisinho enigmático. Será que ela havia adivinhado os sentimentos que a filha nutria por Werner? Sentiu-se corar outra vez.

Então o carro parou em frente ao prédio de uma escola e Werner desceu.

– Tchau, todo mundo! – falou, antes de entrar correndo no pátio.

Ritter voltou a dirigir, seguindo a margem sul do canal de Landwehr. Carla olhou para as barcaças sobre a água, com seus carregamentos de carvão encimados de neve, parecendo montanhas. Estava um tanto desapontada. Conseguira mais tempo com Werner insinuando-se para aquela carona, mas depois o desperdiçara falando sobre hóquei no gelo.

Mas sobre o que gostaria de conversar com ele? Não sabia dizer.

Herr Franck estava falando com sua mãe:

– Li sua coluna na *O Demokrata*.

– Espero que tenha gostado.

– Lamentei seu tom desrespeitoso ao escrever sobre nosso chanceler.

– Você acha que os jornalistas deveriam escrever respeitosamente sobre políticos? – retrucou a mãe, animada. – Que opinião mais radical! Nesse caso, a imprensa nazista teria de ser educada em relação ao meu marido! Aposto que eles não iriam gostar.

– Não todos os políticos, é claro – respondeu Franck, irritado.

Eles passaram pelo movimentado cruzamento da Potsdamerplatz. Carros e bondes disputavam lugar com carroças puxadas a cavalo e pedestres, formando uma confusão caótica.

– Não é melhor que a imprensa possa criticar todo mundo sem diferença? – perguntou a mãe a Franck.

– Em teoria, é uma ideia maravilhosa – respondeu ele. – Mas vocês, socialistas, vivem num mundo de fantasia. Nós, homens práticos, sabemos que a Alemanha não pode viver de ideais. As pessoas precisam de pão, sapatos e carvão.

– Concordo – retrucou a mãe. – Eu mesma precisaria de mais carvão. Mas quero que Carla e Erik cresçam cidadãos de um país livre.

– Você superestima a liberdade. Ser livre não faz ninguém feliz. As pessoas preferem ser guiadas. Eu quero que Werner, Frieda e o pobre Axel cresçam em um país orgulhoso, disciplinado e unido.

– E para que sejamos unidos precisamos de jovens brutamontes de camisa marrom espancando velhos comerciantes judeus?

– A política é uma coisa violenta. Não há nada que se possa fazer sobre isso.

– Pelo contrário. Você e eu somos líderes, Ludwig, cada um a seu modo. É responsabilidade nossa tornar a política menos violenta: mais honesta, mais racional, menos bruta. Se não fizermos isso, estaremos falhando em nosso dever patriótico.

Herr Franck pareceu ofendido.

Carla não sabia muita coisa sobre os homens, mas podia perceber que eles não gostavam de ouvir sermões das mulheres a respeito dos seus deveres. Sua mãe devia ter esquecido de acionar o botão do charme naquela manhã. Mas a verdade era que todos estavam tensos. A eleição estava se aproximando e os deixando nervosos.

O carro chegou à Leipziger Platz.

– Onde posso deixá-las? – perguntou Herr Franck, frio.

– Aqui mesmo está bom – respondeu a mãe de Carla.

Franck deu uma batidinha na divisória de vidro. Ritter parou o carro e correu para abrir a porta.

– Espero que Frieda fique boa logo – disse a mãe antes de saltar.

– Obrigado.

As duas desceram e Ritter fechou a porta.

O escritório da revista ficava a vários minutos de caminhada dali, mas obviamente sua mãe não quisera passar mais tempo no carro. Carla torceu para que ela não comesse a brigar o tempo todo com Herr Franck. Isso poderia dificultar seus encontros com Frieda e Werner, e ela detestaria isso.

As duas saíram andando a passos rápidos.

– Tente não atrapalhar ninguém lá na revista – instruiu a mãe.

O tom de súplica em sua voz deixou Carla comovida e envergonhada por lhe causar preocupação. Ela decidiu se portar de forma impecável.

No caminho, a mãe cumprimentou várias pessoas. Até onde Carla conseguia se lembrar, ela sempre escrevera a coluna e era bastante conhecida no mundo jornalístico. Todos a chamavam de “Lady Maud”, assim mesmo, em inglês.

Perto do prédio onde ficava o escritório da revista, elas toparam com um conhecido da família. O sargento Schwab havia lutado com o pai de Carla na Grande Guerra e ainda usava os cabelos muito curtos, ao estilo militar. Depois da guerra, passara a trabalhar como jardineiro, primeiro para o avô de Carla, depois para o pai. Mas roubara dinheiro da bolsa de sua mãe e fora mandado embora. Schwab estava usando o feio uniforme militar das tropas de assalto, os camisas-pardas, que não eram soldados, mas nazistas que gozavam da autoridade de uma polícia auxiliar.

– Bom dia, Frau Von Ulrich! – cumprimentou Schwab em voz alta, como se não sentisse qualquer vergonha de ser ladrão. Ele nem sequer levou a mão ao quepe.

A mãe de Carla aquiesceu com frieza e passou por ele sem parar de andar.

– O que será que Schwab está fazendo aqui? – murmurou ela, aflita, enquanto as duas entravam.

A revista ocupava o primeiro andar de um prédio comercial moderno. Carla sabia que uma criança não seria bem-vinda ali e torceu para que conseguissem chegar à sala da mãe sem serem vistas. Na escada, porém, cruzaram com Herr Jochmann. O chefe de sua mãe era um homem pesado, que usava óculos de lentes grossas.

– O que é isso? – perguntou ele em tom brusco, sem deixar cair o cigarro que tinha na boca. – Isto aqui agora virou um jardim de infância?

A mãe não reagiu à grosseria.

– Estive pensando no comentário que o senhor fez outro dia – disse ela. – Sobre como os jovens pensam que o jornalismo é uma profissão cheia de glamour e não entendem como é preciso trabalhar duro.

Ele franziu o cenho.

– Eu disse isso? Bem, com certeza é verdade.

– Então trouxe minha filha aqui para ver a realidade. Acho que vai ser bom para a educação dela, sobretudo se virar escritora. Ela vai fazer um relato sobre a visita para a turma da escola. Tive certeza de que o senhor iria concordar.

A mãe estava improvisando, mas Carla achou que a desculpa soava convincente. Ela mesma quase acreditou. O botão do charme finalmente havia sido acionado.

– A senhora não vai receber uma visita importante de Londres hoje? – perguntou Jochmann.

– Vou, sim. Ethel Leckwith. Mas ela é uma velha amiga... conheceu Carla ainda bebê.

Isso fez Jochmann se acalmar um pouco.

– Hum. Bem, temos reunião editorial daqui a cinco minutos, assim que eu comprar cigarros e voltar.

– Carla pode ir para o senhor. – A mãe virou-se para ela: – Há uma tabacaria nesta mesma rua, três prédios depois do nosso. Herr Jochmann fuma cigarros da marca Roth-Händle.

– Ah, isso vai me poupar a viagem. – Jochmann entregou a Carla uma moeda de um marco.

– Quando voltar, pode me encontrar na sala no alto da escada, ao lado do alarme de incêndio – disse-lhe a mãe. Então deu as costas para a filha e segurou o braço de Jochmann, confiante. – Acho que a edição da semana passada talvez tenha sido a melhor que já fizemos – declarou enquanto os dois subiam a escada.

Carla saiu correndo para a rua. Sua mãe conseguira se safar usando a mistura de ousadia e flerte que lhe era característica. Ela às vezes dizia: “Nós, mulheres, temos que usar todas as armas de que dispomos.” Ao pensar nisso, Carla per-

cebeu que tinha usado a mesma tática para conseguir a carona de Herr Franck. Talvez, no final das contas, fosse parecida com a mãe. Talvez por isso ela houvesse lhe lançado aquele sorrisinho curioso: estava se vendo 30 anos mais jovem.

Havia fila na tabacaria. Metade dos jornalistas de Berlim parecia estar comprando seu estoque para o dia. Por fim, Carla conseguiu seu maço de Roth-Händle e voltou para a sede da *O Demokrata*. Foi fácil encontrar o alarme de incêndio – uma grande alavanca presa à parede –, mas sua mãe não estava na sala. Sem dúvida devia ter ido à tal reunião editorial.

Carla seguiu pelo corredor. Todas as portas estavam abertas e a maioria das salas, vazia, exceto por algumas mulheres que deviam ser datilógrafas e secretárias. Nos fundos do prédio, depois de virar num corredor, havia uma porta fechada na qual se lia “Sala de Reuniões”. Carla ouviu vozes masculinas exaltadas discutindo lá dentro. Bateu na porta, mas ninguém respondeu. Hesitou, então girou a maçaneta e entrou.

A sala estava tomada pela fumaça de cigarro. Havia de oito a dez pessoas sentadas em volta de uma mesa comprida. Sua mãe era a única mulher. Todos se calaram, aparentemente espantados, quando Carla foi até a cabeceira e entregou a Jochmann os cigarros e o troco. Aquele silêncio a fez pensar que tinha sido errado entrar ali.

Mas Jochmann apenas disse:

– Obrigado.

– De nada, senhor – respondeu ela e, por algum motivo, fez uma leve mesura.

Os homens riram. Um deles falou:

– Assistente nova, Jochmann?

Então Carla entendeu que estava tudo bem.

Saiu depressa da sala de reuniões e voltou para a de sua mãe. Não tirou o casaco – fazia frio lá dentro. Olhou em volta. Sobre a mesa, viu um telefone, uma máquina de escrever e pilhas de papel e papel-carbono.

Ao lado do telefone havia um porta-retratos com uma fotografia de Carla e Erik com o pai. Fora tirada alguns anos antes, num dia ensolarado, na praia às margens do lago Wannsee, a uns 25 quilômetros do centro de Berlim. Seu pai estava de short. Todos riam. Aquilo fora antes de Erik começar a fingir que era um homem adulto e durão.

A única outra fotografia, pendurada na parede, mostrava sua mãe com o herói social-democrata Friedrich Ebert, primeiro presidente da Alemanha depois da guerra. Havia sido tirada uns dez anos antes. Carla sorriu ao ver o vestido solto e de cintura baixa da mãe e seus cabelos curtos: aquela devia ser a moda da época.

A estante continha publicações que listavam as figuras importantes da sociedade, cadernetas de telefone, dicionários e atlas em várias línguas, mas nada para ler. Na gaveta da mesa, Carla encontrou lápis, vários pares novos de luvas formais, ainda embrulhados em papel de seda, um pacote de toalhas higiênicas e um caderno com nomes e números de telefone.

Carla acertou a data no calendário de mesa: segunda-feira, 27 de fevereiro de 1933. Então inseriu uma folha de papel na máquina de escrever. Datilografou seu nome completo: Heike Carla von Ulrich. Aos 5 anos, ela declarara que não gostava do nome Heike e queria que todos usassem seu segundo nome. De algum modo, para sua surpresa, a família aceitara.

Cada uma das teclas da máquina fazia uma haste de metal se erguer e bater no papel por cima de uma fita de tinta, imprimindo assim uma letra. Sem querer, Carla apertou duas teclas ao mesmo tempo e as hastes ficaram presas. Tentou soltá-las, mas não conseguiu. De nada adiantou apertar outra tecla: agora eram três hastes embotadas. A menina soltou um gemido: estava encrencada.

Um barulho vindo da rua a distraiu. Ela foi até a janela. Uns dez camisas-pardas marchavam pelo meio da rua gritando palavras de ordem: “Morte a todos os judeus! Vão para o inferno, judeus!” Carla não entendia por que toda aquela raiva dos judeus, que pareciam iguais a todo mundo, a não ser pela religião. Ficou espantada ao ver o sargento Schwab à frente do grupo. Sentira pena quando ele fora demitido, pois sabia que seria difícil para ele arrumar outro emprego. Havia milhões de desempregados na Alemanha: segundo seu pai, o país passava por uma depressão. Mas a mãe dissera: “Como podemos ter um homem que rouba dentro de casa?”

Os gritos então se modificaram. “Destruição aos jornais de judeus!”, entoaram os homens em uníssono. Um deles atirou alguma coisa e um legume podre se espatifou na porta da sede de um jornal de circulação nacional. Então, para horror de Carla, eles se viraram para o prédio onde ela estava.

A menina recuou e ficou espiando pelo canto da moldura da janela, torcendo para não ser vista. O grupo parou do lado de fora, ainda cantando. Um dos homens jogou uma pedra, que acertou a janela de Carla sem quebrá-la. Mesmo assim, a garota soltou um gritinho de medo. Instantes depois, uma das datilógrafas, uma moça de boina vermelha, entrou na sala.

– O que houve? – perguntou e então olhou pela janela. – Ai, droga.

Os camisas-pardas entraram no prédio e Carla ouviu botas na escada. Estava com medo: o que eles iriam fazer?

O sargento Schwab entrou na sala de sua mãe. Hesitou ao ver a moça e a meni-

na, mas depois pareceu tomar coragem. Pegou a máquina de escrever e atirou-a pela janela, estilhaçando a vidraça. Carla e a datilógrafa gritaram.

Mais camisas-pardas passaram no corredor gritando suas palavras de ordem. Schwab segurou a mulher pelo braço e disse:

- E agora, querida, onde fica o cofre do escritório?
- Na sala do arquivo! – respondeu a secretária com voz aterrorizada.
- Mostre para mim.
- Sim, tudo que o senhor quiser!

Ele a empurrou para fora da sala marchando.

Carla começou a chorar, mas então obrigou-se a parar.

Pensou em se esconder debaixo da mesa, mas hesitou. Não queria mostrar a eles que estava com medo. Alguma coisa dentro dela queria desafiá-los.

Mas o que ela deveria fazer? Decidiu avisar à mãe.

Foi até o limiar da porta e espiou. Os camisas-pardas entravam e saíam das salas, mas ainda não tinham chegado ao final do corredor. Carla não sabia se as pessoas na sala de reuniões podiam ouvir a confusão. Disparou pelo corredor o mais depressa que pôde, porém um grito a deteve. Ela olhou para dentro de uma das salas e viu Schwab sacudindo a datilógrafa de boina vermelha, aos berros:

- Onde está a chave?
- Não sei, eu juro que não sei! – gritava a moça.

Carla ficou indignada. Schwab não tinha o direito de tratar uma mulher daquele jeito.

- Deixe a moça em paz, Schwab, seu ladrão! – esbravejou.

Schwab olhou com ódio para a menina e, de repente, ela ficou dez vezes mais assustada. Então o olhar se desviou para alguém atrás dela e ele disse:

- Tire essa porcaria de criança da minha frente.

Alguém a agarrou por trás.

- Você por acaso é uma judiazinha? – perguntou uma voz de homem. – Parece que é, com todo esse cabelo escuro.

Aquilo a deixou em pânico.

- Eu não sou judia! – gritou ela.

O camisa-parda carregou Carla de volta para o corredor e a deixou na sala da mãe. Ela cambaleou e caiu no chão.

- Fique aqui – disse ele e se afastou.

Carla se levantou. Não estava machucada. O corredor agora estava cheio de camisas-pardas e ela não conseguiria chegar até a mãe. Mas precisava pedir ajuda.

Olhou pela vidraça quebrada. Um pequeno grupo já se juntava na rua. Dois policiais conversavam no meio desses observadores. Carla gritou para eles:

– Socorro! Socorro, polícia!

Eles a viram e começaram a rir.

Isso a deixou furiosa, e a raiva fez seu medo diminuir. Ela se virou de novo para o corredor. Seu olhar pousou no alarme de incêndio preso à parede. Ela ergueu a mão e segurou a alavanca.

Hesitou. Não devia soar o alarme se não houvesse um incêndio, e um aviso na parede alertava quanto às severas penalidades para quem descumprisse a regra.

Ela puxou a alavanca mesmo assim.

Por um instante, nada aconteceu. Talvez o mecanismo não estivesse funcionando.

Então um barulho alto e agressivo de sirene encheu o prédio, o volume variando entre alto e baixo.

Quase na mesma hora, as pessoas que estavam na sala de reuniões surgiram no final do corredor. Jochmann veio na frente.

– Que diabo está acontecendo aqui? – perguntou com raiva, gritando mais alto que o alarme.

– Esta revistazinha judaico-comunista insultou nosso líder e nós vamos fechá-la – disse um dos camisas-pardas.

– Saiam já do meu escritório!

O camisa-parda o ignorou e entrou em uma sala ao lado. Instantes depois, ouviu-se um grito de mulher e um estrondo que soou como uma mesa de aço sendo derrubada.

Jochmann se virou para um de seus funcionários e ordenou:

– Schneider, chame a polícia agora mesmo!

Carla sabia que isso não iria adiantar. A polícia já estava lá e não fazia nada.

A mãe abriu caminho entre as pessoas ali reunidas e correu na sua direção.

– Você está bem? – exclamou, envolvendo a filha num abraço.

Carla não queria ser consolada como uma criança. Empurrou a mãe para longe e disse:

– Estou bem, não se preocupe.

A mãe olhou em volta.

– Minha máquina de escrever!

– Eles a jogaram pela janela. – Carla então se deu conta de que agora não estava mais encrocada por ter emperrado as teclas.

– Temos que sair daqui. – A mãe pegou o porta-retratos, segurou a mão de Carla e as duas deixaram a sala às pressas.

Ninguém tentou impedi-las de descer correndo a escada. À sua frente, um rapaz forte que devia ser um dos repórteres tinha imobilizado um dos camisas-pardas por trás, pelo pescoço, e o arrastava para fora do prédio. Carla e a mãe seguiram os dois até a rua. Outro camisa-parda saiu atrás delas.

Ainda arrastando o camisa-parda, o repórter chegou perto dos dois policiais.

– Prendam este homem – disse. – Eu o peguei roubando nosso escritório. No bolso dele há uma lata de café roubada.

– Solte-o, por favor – disse o mais velho dos policiais.

Com relutância, o repórter obedeceu.

O segundo camisa-parda se postou ao lado do colega.

– Qual é o seu nome, senhor? – perguntou o policial ao repórter.

– Rudolf Schmidt. Sou o principal correspondente parlamentar da revista *O Democrata*.

– Rudolf Schmidt, o senhor está preso por agredir um policial.

– Não seja ridículo. Eu flagrei este homem roubando!

O policial meneou a cabeça para os dois camisas-pardas e falou:

– Levem-no para a delegacia.

Os dois seguraram Schmidt pelos braços. Ele deu a impressão de que ia resistir, mas depois mudou de ideia.

– Todos os detalhes deste incidente serão publicados na próxima edição da revista! – gritou ele.

– Não vai haver mais nenhuma edição da revista – disse o policial. – Levem-no embora daqui.

Um carro de bombeiros chegou e meia dúzia de homens saltaram. O líder se dirigiu aos policiais em tom brusco.

– Precisamos evacuar o prédio – falou.

– Voltem para o quartel, não há incêndio algum aqui – esclareceu o policial mais velho. – São só as tropas de assalto fechando uma revista comunista.

– Isso não me diz respeito – retrucou o bombeiro. – O alarme foi acionado e nosso primeiro dever é esvaziar o prédio, com ou sem tropas de assalto. Vamos nos virar sem a sua ajuda, então. – Ele conduziu seus homens para dentro do prédio.

– Ah, não! – exclamou a mãe de Carla.

Quando a menina se virou, viu que a mãe estava olhando para a máquina de escrever, espatifada na calçada onde caíra. O corpo de metal havia se soltado, expondo as conexões entre teclas e hastes. O teclado estava deformado, irreconhecível. Uma das extremidades do cilindro arrebentara e a campainha que

tocava para indicar o fim de uma linha jazia no chão, abandonada. Uma máquina de escrever não era um objeto precioso, mas a mãe parecia à beira das lágrimas.

Os camisas-pardas e os funcionários da revista saíram do prédio conduzidos pelos bombeiros. O sargento Schwab resistia, gritando com raiva:

– Não há incêndio nenhum!

Mas os bombeiros simplesmente continuavam a empurrá-lo.

Jochmann saiu à rua e disse à mãe de Carla:

– Eles não tiveram tempo de estragar muita coisa... os bombeiros não deixaram. Não sei quem foi, mas a pessoa que acionou o alarme nos prestou um enorme serviço!

Carla, que antes estava com medo de ser repreendida por causa do alarme falso, se deu conta de que tinha feito exatamente a coisa certa.

Segurou a mão da mãe e isso pareceu despertá-la de seu momento de tristeza. Ela enxugou os olhos com a manga da roupa, ato pouco usual que revelou quanto estava abalada: se Carla tivesse feito a mesma coisa, a mãe lhe teria dito para usar um lenço.

– O que vamos fazer agora? – A mãe nunca dizia isso. Ela sempre sabia o que fazer.

Carla percebeu duas pessoas em pé ali perto. Ergueu os olhos. Uma delas era uma mulher mais ou menos da mesma idade de sua mãe, muito bonita, com ar de autoridade. Carla a conhecia, mas não soube dizer de onde. Ao seu lado estava um rapaz jovem o bastante para ser seu filho. Era magro, não muito alto, mas parecia um astro de cinema. Tinha um rosto tão atraente que poderia ter sido quase bonito demais, não fosse pelo nariz achatado e torto. Ambos os recém-chegados pareciam chocados e o mais novo estava pálido de raiva.

A mulher foi a primeira a falar, em inglês:

– Olá, Maud. – Sua voz soou vagamente conhecida para Carla. – Não está me reconhecendo? – continuou ela. – Sou Eth Leckwith, e este é Lloyd.

II

Lloyd Williams encontrou uma academia de boxe em Berlim onde podia treinar por uma hora ao custo de poucos *pennies*. Ficava em Wedding, um bairro operário ao norte. Ele se exercitou com os malabares indianos e com a bola de peso, pulou corda, bateu no saco de pancadas, em seguida pôs um capacete e lutou cinco rounds no ringue. O professor da academia arrumou para ele um parceiro de treino, um alemão da mesma idade de Lloyd e tão corpulento quanto ele, que